

A AVIDEZ PELA MATERNIDADE NA MULHER CONTEMPORÂNEA A PARTIR DO PRISMA PSICANALÍTICO

Maísa Hodecker¹

Ana Paula Piva Hostins²

Maurício Hostins Junior³

Jeisa Benevenuti⁴

¹ Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: maisa_hodecker@hotmail.com.

² Psicóloga e graduada em Direito pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. E-mail: appiva@terra.com.br.

³ Psicólogo graduado pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. E-mail: myrand@terra.com.br.

⁴ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: jeisapsico@gmail.com.

RESUMO

A maternidade exige a construção de uma nova identidade e, inúmeras vezes, pode ser sinônimo da realização de um desejo pessoal. Objetivou-se compreender os sentidos da ascensão à maternidade na mulher contemporânea a partir da ótica da psicanálise. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão integrativa de literatura a partir das bases de dados Pepsic, SciELO, EBSCO, BVS e Google Acadêmico. Foram contemplados artigos originais publicados nacionalmente entre os anos de 2010 a 2018. Foram obtidos 1083 resultados brutos. Após o refinamento, 10 artigos foram selecionados. Os resultados demonstram que a maternidade é um exercício próprio da mulher com seu filho, enquanto a gravidez é uma preparação para a maternidade. Entre os fenômenos da maternidade mais evidentes nos estudos, cabe destacar a preocupação materna, a identificação com o bebê e a relação mãe-filho. Os autores psicanalíticos mais mencionados foram Winnicott (90%) e Freud (50%). Para Winnicott, a mãe ao exercer a maternidade se confronta com a regressão a sua infância primitiva, deparando-se com a própria mãe. A mãe terá que elaborar essa regressão e construir uma personalidade que lhe é própria, fundida em sua figura materna. Enquanto Freud concebe a maternidade como a realização de um desejo fruto do Complexo de Édipo, pois como a mulher se percebe um ser faltante, sem o falo, busca no bebê sua completude. Sugere-se para futuras pesquisas avaliar a per-

sonalidade da mulher antes e após exercer a maternidade e investigações que analisem a percepção das mães em relação ao acompanhamento médico.

Palavras-chave: Maternidade. Mulher. Gravidez. Relação Mãe-Filho. Psicanálise.

THE GREED FOR MATERNITY IN THE CONTEMPORARY WOMAN FROM PSYCHOANALYTIC PRISM

ABSTRACT

Motherhood requires the construction of a new identity and can often be synonymous with the fulfillment of a personal desire. The objective was to understand the meanings of the rise to motherhood in contemporary women from the perspective of psychoanalysis. This is a qualitative research of integrative literature review from the Pepsic, SciELO, EBSCO, VHL and Google Scholar databases. Original articles published nationally between 2010 and 2018 were considered. 1083 gross results were obtained. After refinement, 10 articles were selected. The results demonstrate that motherhood is a woman's own exercise with her child, while pregnancy is a preparation for motherhood. Among the most evident phenomena of motherhood in the studies, it is worth mentioning maternal concern, identification with the baby and the mother-child relationship. The most mentioned psychoanalytic authors were Winnicott (90%) and Freud (50%). For Winnicott, the mother in exercising motherhood faces the regression to her early childhood, facing her own mother. The mother will have to work out this regression and build a personality of her own, fused into her mother figure. While Freud conceives of motherhood as the fulfillment of a desire resulting from the Oedipus Complex, because as the woman perceives herself as a missing being, without the phallus, she seeks in the baby its completeness. It is suggested for future research to evaluate the woman's personality before and after exercising and investigations that analyze the perception of mothers in relation to medical monitoring.

Keywords: Maternity. Pregnancy. Mother-Son Relationship. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A maternidade é um processo que se inicia posteriormente a concepção, distinguindo-se da gravidez. Exercer a maternidade é um fenômeno entre mãe e bebê, enquanto a gravidez poderia ser compreendida como a preparação para o exercício da maternidade (BRAZELTON; CRAMER, 1992; SZEJER; STEWART, 1997). O desejo da mulher de engravidar nem sempre corresponde ao desejo de exercer a maternidade. A gravidez é vista por inúmeras mulheres como um fenômeno divino, um milagre iniciado no útero, o poder do feminino de gerar outra vida dentro de si mesma. Contudo, a maternidade é demarcada pelo instinto protetor da mãe para com seu filho, isto é, a relação mãe-filho pós-parto, o cuidado, o afeto e o vínculo construído (MALDONADO, 1985)

Supracitado autor ainda destaca que a mulher dos séculos XV e XVI, por vezes, não era devota aos filhos e à família. Experiências com a família eram esporádicas, assim como os filhos não tinham os mesmos cuidados maternos como possuem atualmente. Como exemplo disso, era comum nos séculos citados as chamadas amas-de-leite. Nada mais eram que mulheres camponesas e pobres que exerciam a função de cuidar e proteger os filhos de mulheres nobres até que atingissem idade suficiente para serem independentes (MALDONADO, 1989).

Com o advento da modernidade e dos progressos tecnológicos, houve modificações no campo dos métodos contraceptivos da gravidez, assim como da concepção e adoção. A partir disso, a mulher moderna passou a ter mais liberdade e possibilidades em escolher pela maternidade, e, por outro lado, criou-se um dilema para a mulher acerca de ser ou não mãe. Assim, atualmente a mulher pode optar em ficar grávida, conceber um filho em outro ventre a partir da 'barriga de aluguel', pode optar em ficar grávida e entregar o filho para adoção, adotar um bebê recém-nascido ou dar à luz e exercer a maternidade (SCAVONE, 2001).

A valorização da família nuclear é ressaltada pela figura infantil que nela se configura. Com isso, surge o poder do feminino de mãe cuidadora. Por meio da forte influência médica, a mulher foi reduzida a figura de mãe. Com o passar dos anos, esse papel da mulher foi e está sendo gradualmente dis-

sociado. Na contemporaneidade, a visão exclusiva de que cabe a mulher os afazeres domésticos, a maternidade e feminilidade estão sendo substituídas por uma mulher com a opção de ser ou não ser responsável pela casa, ser ou não ser mãe e ser ou não ser feminina, de fato (PICCININI *et al.*, 2008).

Os mesmos autores sugerem que a maternidade não é mais um fator que determina o poder da mulher, mas sim um complemento de sua vida e uma das suas potenciais funções. Acredita-se que a maternidade não é um processo natural da mulher, pois nela pode ou não haver a ânsia de se tornar mãe. A partir disso, tem-se a importância de tais estudos não somente à propagação da premissa de que a mulher contemporânea possui um novo ideal, demarcado pela evolução de um pensamento absolutista e reducionista de mulher enquanto mãe, mas pela valorização de sua liberdade de escolha, individualidade e independência (PICCININI *et al.*, 2008).

Conforme os autores supracitados, gradualmente há o interesse pela comunidade acadêmica em estudos que investiguem os papéis sociais desempenhados pela mulher e, mais especificamente, pela maternidade. Como atualmente nenhuma área sequer conseguiu fornecer um quadro completo de respostas sobre a maternidade, há um campo de estudos complexos, embora enriquecedores em elementos de pesquisa. Optou-se pela psicanálise para nortear esse estudo, pois permite um aprofundamento maior e compreensão ao articular as pesquisas já produzidas, visto que rompe com a premissa de amor materno instintivo, substituindo-o por questões pulsionais na via do desejo. Dessa forma, o conceito de pulsão transporta os determinantes do sujeito atravessando a ordem natural, sendo o sujeito um subordinado das determinações eróticas. Portanto, os cuidados exercidos pela mãe para com seu filho são, na verdade, atravessados pela satisfação própria de seu desejo (FARIAS; LIMA, 2004).

Construiu-se tal artigo tomando a relação mãe-filho constituída, por um lado, de uma figura materna, e por outro, de um sujeito temporariamente em estado dependente dos cuidados de sua mãe. Ainda por trás disso, considera-se a mulher contemporânea um sujeito cuja escolha em exercer a maternidade constitui a realização de um desejo (SCAVONE, 2001). Nesse sentido, pretendeu-se elucidar os aspectos referentes à maternidade e à ânsia da mulher contemporânea por exercê-la, embasando tais perspectivas pela via da psicanálise.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica integrativa. Foi realizada uma revisão integrativa de literatura nas bases de dados Pepsic, SciELO, EBSCO, BVS e Google acadêmico, a partir das palavras-chaves selecionadas segundo a classificação dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Maternidade, Mulher, Gravidez, Relação Mãe-Filho e Psicanálise. Destaca-se que tais palavras-chaves foram utilizadas nos campos de busca das bases de dados de forma conjunta, visando refinar os estudos encontrados. Para direcionar a busca, foi formulada a seguinte pergunta de pesquisa: “quais os sentidos da ascensão à maternidade na mulher contemporânea a partir da ótica da psicanálise?”.

Foram incluídos somente artigos científicos originais disponibilizados na íntegra, publicados entre 2010 e 2018, que tratassem da maternidade propriamente dita a partir da ótica da psicanálise, além de serem oriundos de estudos desenvolvidos no Brasil. Nesse sentido, os artigos deveriam tratar da maternidade de forma geral, publicados em revistas científicas, que abarcassem o anseio pela maternidade na mulher contemporânea.

Os critérios de exclusão resumem-se a trabalhos acadêmicos de outra natureza (monografia, dissertação, tese, trabalho apresentado em congresso, etc.); artigos que não continham em sua estrutura objetivo, método, resultados e conclusão/considerações finais; artigos que não apresentaram texto completo disponível para acesso; artigos duplicados; artigos que apresentassem fundamentação teórica de outra abordagem psicológica; artigos fora do período determinado; artigos internacionais; artigos não publicados em periódicos que tratavam de algum aspecto isolado e específico da maternidade.

Em relação a este último critério, foi elaborado para refinar os resultados, pois continham inúmeros estudos sobre a maternidade, embora aprofundassem em algum fenômeno relacionado como a maternidade de mulheres em cárcere privado, maternidade em casos prematuros, maternidade de bebês com problemas mentais, etc. Como o foco deste artigo é a maternidade e a avidez da mulher em exercer este papel, os artigos que não tinham este enfoque principal foram excluídos.

Realizou-se, primeiramente, a leitura dos resumos das publicações

com o objetivo de refinar a amostra por meio da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. A avaliação crítica dos estudos a partir do refinamento consistiu na leitura do resumo e, em alguns casos, do trabalho na íntegra.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca nas bases de dados gerou o total de 1.083 artigos (Pepsic: 0, SciELO: 0, EBSCO: 1, BVS: 12, Google Acadêmico: 1.070). A partir das referidas palavras-chaves, não foram encontrados resultados no Pepsic e SciELO. No EBSCO, foi encontrado apenas um resultado, porém, foi excluído por se tratar de uma tese de doutorado. No BVS foram achados 12 resultados, nos quais três corroboravam com os critérios de inclusão, três foram excluídos por duplicação, cinco foram excluídos por tratarem de fatores isolados relacionados à maternidade e um deles excluído por ser uma monografia. No Google Acadêmico foram encontrados 1.070 resultados. Dentre eles, sete artigos corroboravam com a pesquisa, 49 foram excluídos por serem incompletos, 100 excluídos por serem artigos internacionais, 52 foram excluídos por duplicação, 29 por serem livros, 52 por não serem publicações científicas, 52 por não tratar da maternidade a partir da psicanálise, 521 foram excluídos por serem outra modalidade de trabalho acadêmico (monografia, dissertação, tese, etc.), 186 foram excluídos por tratarem de algum aspecto relacionado e específico da maternidade e 22 por estarem publicados fora do período determinado (2010-2018). Após o refinamento, leitura dos resumos e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, a amostra consistiu em 10 artigos científicos. Os resultados encontrados nas bases de dados estão descritos no Quadro 1:

Quadro 1: Descrição das principais características dos estudos revisados.

Autores (as) (Ano)	Revista científica	Objetivo	Resultados/Conclusões
1. Kate Delfini Santos e Ivonese Fernandes da Motta (2014)	Estudos de Psicologia	Apresentar o significado da experiência da maternidade na trajetória de três jovens mães.	Foi verificado que a maternidade tem um significado especial e revela-se como sinal de esperança, segundo a conceituação de Winnicott, de reencontrar uma experiência de afeto significativa.
2. Edinara Zana e Caroline Rubin Rosato Pereira (2015)	Temas em Psicologia	Conhecer os sentimentos maternos acerca da gestação, do nascimento e da relação mãe-bebê em mulheres que vivenciaram a experiência da maternidade pela primeira vez.	O estudo evidenciou que estão presentes na maternidade sentimentos ambivalentes, como alegria e negação, surpresa e angústia. Além disso, foi analisado que no período gestacional houve a presença de instabilidade emocional e irritabilidade, assim como sentimentos relacionados à insegurança. Já no que concerne à relação mãe-filho, foi verificado que as mães relatavam uma experiência demarcada pelo afeto e gratidão. Em relação às dificuldades relacionadas à maternidade, foram descritos os deveres envolvidos ao exercício de ser mãe. As autoras concluíram que a maternidade é um período intenso e de extrema significância na vida de uma mulher, ressaltando a importância do apoio social e familiar nesse momento para que se sintam mais seguras e confiantes.
3. Clara Medeiros Veigo Ramires Monteiro e Marcos Pippi de Medeiros (2013)	Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas.	Investigar o desejo de ter filhos de algumas universitárias da UNIFRA – Centro Universitário Franciscano de Santa Maria/RS.	Os autores constataram que ainda persevera o desejo da mulher moderna gerar filhos. Contudo, esse desejo é postergado devido ao anseio em antes ter uma formação acadêmica e estabilidade financeira. O anseio por ter filhos pode ser advindo do sentimento de preencher lacunas (falta de um pênis ou de pessoas), seja para dar continuidade à geração, seja para atender a uma necessidade e/ou demanda social, seja por vontade própria. Foi concluído que a ideia de ter filhos está fortemente ainda presente na mulher contemporânea apesar de não mais haver tanta pressão social para que isso ocorra.

<p>4. Flavia Baroni Simas, Laura Vilela e Souza e Fabio Scorsolini-Co-min (2013)</p>	<p>Revista Psicologia: teoria e prática</p>	<p>Compreender os sentidos sobre maternidade e as vivências da gravidez em gestantes primíparas e múltiparas.</p>	<p>Foram analisados que os sentimentos que permearam as narrativas das gestantes primíparas referiam-se à insegurança sobre a inexperiência. Já em gestantes múltiparas houve maior preocupação em relação ao impacto da gravidez na estrutura familiar, decorrente do não planejamento de tal. Foi levantado ainda que as fontes de apoio da mulher mais relevantes são o companheiro (a).</p>
<p>5. Regina Maria Ramos Stellan, <i>et al.</i> (2011)</p>	<p>Estilos da Clínica</p>	<p>Verificar os recursos psíquicos necessários para que uma mulher se constitua como mãe.</p>	<p>As autoras apontam que a mulher necessita dispor de recursos psíquicos específicos para exercer a maternidade. A premissa do cuidado maternal surge através de alguns elementos discursivos, como a deslibidinização dos laços com o mundo exterior para voltar-se para a gravidez e nascimento do bebê. Assim, as autoras verificaram que os cuidados físicos dos filhos estão articulados ao desejo e à fantasia. A fantasia faz parte dos estudos da psicanálise, sendo esta considerada parte estruturante do sujeito, assim como o investimento que a mãe realiza para com seu filho para constituir-se na condição de sujeito.</p>
<p>6. Camila Seron e Rute Grossi Melani (2011)</p>	<p>Psicologia: teoria e prática</p>	<p>Compreender o papel da relação mãe e filha no processo de construção da identidade feminina na adolescência.</p>	<p>Foi observado que a construção da identidade feminina sofre influências da relação mãe-filha. As filhas direcionam na mãe uma figura materna modelo. Com o passar dos tempos, as filhas conseguem se diferenciar das mães, embora ainda abarquem consigo características próprias decorrentes de sua relação maternal com sua mãe. A identificação e não propriamente a cópia, transporta a filha para o desconhecido, fazendo-a construir sua própria identidade, apoiada nos atributos compartilhados com a mãe devido a sua presença constante afetiva.</p>

7. Fabiela Aparecida Barbosa, <i>et al.</i> (2010)	Barbarói	Compreender os significados do cuidado materno e da experiência da maternagem produzidos e negociados por mães de crianças pequenas.	Os autores levantaram cinco temas principais a partir das entrevistas com as mães: o <i>holding</i> profissional; a preocupação materna primária; a amamentação e os momentos com o bebê; as angústias e transformações no amor materno; e os sentimentos ambivalentes sobre a gravidez. O posicionamento e a atitude do profissional de saúde foram evidenciados nos cuidados para com as mães para que se sentissem seguras após o parto e preparadas para exercerem a maternidade. Houve sentimentos ambivalentes em relação aos filhos. Por um lado, a avidez em ter filhos e, de outro, preocupações com as mudanças e transformações decorrentes da chegada do bebê. Concluiu-se que mães que encontram amparo no ambiente são capazes de sentir as necessidades dos filhos e de compreenderem a melhor forma de responder a elas, promovendo o desenvolvimento saudável da díade mãe-bebê.
8. Rita de Cássia Sobreira Lopes, Laura Pithan Prochnow e Cesar Augusto Piccinini (2010)	Psicologia em Estudo	Investigar a relação da mãe com suas figuras femininas de apoio e os sentimentos em relação à maternidade no primeiro trimestre de vida do bebê.	Foram verificados que 98% das mães possuem uma figura feminina como apoio, sendo 54% suas figuras modelos de identificação e 47% correspondem as próprias mães das entrevistadas. Verificou-se ainda que o companheiro constitui a figura masculina de apoio e que oferta cuidados necessários ao bebê e à mãe. Os resultados corroboram com a literatura acerca da presença dos parceiros para ofertar apoio e suporte, principalmente no período da maternidade, assim como figuras femininas que servem como modelo de identificação à construção de uma nova mãe.
9. Denise Machado Duran Gutierrez, Ewerton Helder Bentes de Castro e Karine Diniz da Silva Pontes (2011)	Revista do NUFEN	Desenvolver um estudo teórico sobre maternidade centrado no vínculo mãe-filho.	Os autores destacam que o papel do bebê para a mãe é preencher algum vazio, ou pode simbolizar a realização de um desejo. Constatou-se ainda que há uma transferência realizada de mãe sobre o bebê. Essa transferência é atravessada por experiências de gerações anteriores. Assim, a análise se constituiu a partir dos princípios da transmissão psíquica, como a importância das relações intersubjetivas, os mecanismos de defesa que sustentam a transmissão de conteúdos não elaborados, a função da transmissão, e as formas de apropriação.

10. Danielle Ferreira Gomes Moura (2013)	Revista Mal-Estar e Subjetividade	Abordar a função materna, ressaltando a sua dimensão de poderio a partir do referencial teórico-clínico da psicanálise, a fim de discutir seus efeitos sobre o sujeito em constituição.	Conforme evidencia esse estudo, o poderio materno se desenrola ainda precocemente e desencadeia efeitos decisivos na estruturação psíquica do sujeito, que vão desde a ascensão do sujeito à estagnação como objeto de gozo materno. A autora ressalta ainda que sua importância transpõe o nível conscientes, passando seus efeitos também a níveis inconscientes. Assim, o poderio materno causa profundas marcas no inconsciente dos sujeitos, os quais abarcam inelutavelmente seus fantasmas.
--	-----------------------------------	---	--

Fonte: Dados primários, 2018.

A partir dos resultados iniciais encontrados (1.083), é possível afirmar que há interesse científico pela temática da maternidade e temas afins. Contudo, verificou-se que a maioria dos achados tratavam de aspectos correlatos à maternidade, adentrando-se em aspectos mais pontuais e concisos sobre a maternidade, mas não em sua amplitude. Como o enfoque principal eram artigos que tratavam da maternidade e/ou avidez da mulher contemporânea em exercê-la, somente os artigos supramencionados no Quadro contemplam os critérios apontados para inclusão.

Referente ao escopo dos artigos, verifica-se que somente um dos artigos contempla a avidez da mulher contemporânea em ter filhos. Cabe destacar que o anseio de ter filhos é diferente da maternidade. É possível a mulher somente ter o desejo de ter e conceber o filho, mas não desejar exercer a função materna. Diante disso, o artigo foi lido na íntegra e contemplado no estudo por vincular o desejo de ter filhos também à maternidade, a partir de uma fundamentação teórica psicanalítica.

Ainda em relação aos objetivos dos artigos analisados, percebeu-se que quatro tinham propostas relacionadas aos sentimentos e experiência da maternidade, dois evidenciavam a relação mãe-filho; dois evidenciaram a função materna no cuidado e seus respectivos significados; um ressaltou os recursos psíquicos necessários para a mãe exercer a maternidade e dois artigos demonstraram maior interesse em evidenciar as figuras femininas de influência e apoio na construção da identidade da mãe.

Como visto, foram contemplados artigos científicos nacionais publicados nos últimos 10 anos. Com foco central na afeição pela maternidade na mulher contemporânea não foram encontrados resultados nas bases de dados, embora 50% dos artigos contemplados nesta pesquisa mencionam, no decorrer de suas análises, sobre essa temática.

Os artigos analisados discutiam a temática vinculada à psicanálise. Verificou-se que 90% dos artigos utilizavam em sua fundamentação teórica citações provindas de Winnicott, enquanto citações de Freud foram mensuradas em 50% dos achados. Além desses psicanalistas, houve outros pós-freudianos utilizados para compreender e descrever a respeito da maternidade, como Bowlby (20%), Roudinesco (20%) e Zimerman (20%).

No que diz respeito à conceituação de maternidade, alguns autores (GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011; SIMAS; SOUZA; SCORSOLINI-COMIN, 2013; SANTOS; MOTTA, 2014) afirmam que consiste em um exercício único que faz parte do ciclo vital e característico da mulher para com seu bebê, constituindo-se em um marco de extrema relevância para ambos. Os mesmos autores apontam que a maternidade constitui os cuidados dispensados pela mãe para suprir as necessidades básicas do bebê, garantindo-lhe seu desenvolvimento e uma passagem sadia por esta fase de sua vida.

Estes cuidados são ressaltados por Simas; Souza e Scorsolini-Comin (2013) como sendo resultados de uma forte identificação e responsabilização da mãe com seu filho. Em outros dizeres, estas novas sensações e sentimentos proporcionados pela maternidade fazem com que a mãe se sinta na necessidade de cuidar e exercer esse papel que lhe compete, assim como lhe possibilita a aquisição de novas habilidades psíquicas, como o amadurecimento e expansão da personalidade. Em relação à expansão da personalidade, outros autores corroboram com a premissa apontada (BARBOSA *et al.*, 2010; SERON; MILANI, 2011; SANTOS; MOTTA, 2014; ZANATTA; PEREIRA, 2015) de que a partir da maternidade a mãe inicia um exercício de se adaptar ao novo contexto e reorganizar seu psíquico para exercer a maternidade. Assim, a maternidade constitui um período de intensos sentimentos e esforços dessa mãe. Seu exercício de mãe na maternidade será atravessado por regressões às suas gerações anteriores, principalmente sua própria criação e lembranças na infância, muitas ainda inconscientes, poderão ressurgir e

assombrar a mãe enquanto sua personalidade se expande. Winnicott (2006), ao evocar sobre esse fenômeno, descreve que toda mulher traz consigo recordações de sua genitora e dos cuidados que foram dispensados, podendo ajudá-la ou atrapalhá-la em sua experiência como mãe. Nesse sentido, deve haver uma elaboração das experiências obtidas na infância da nova mãe e incorporação dos valores dos seus pais em sua personalidade. Com isso, acredita-se que a importância do período gestacional se encontra não somente no desenvolvimento sadio do bebê, mas conecta a mãe às primeiras relações estabelecidas no seio familiar.

De modo a ampliar tal afirmativa, Maldonado (1992) descreve que a maternidade proporciona à mulher a vivência de ser mãe, abandonando a posição somente de filha para agora incluir o título de mãe. A mesma autora acrescenta que a mulher atravessa uma dupla identificação no período da maternidade que a sobrepõe a níveis conscientes e inconscientes. Assim como supracitado, Maldonado (1992) acredita que a mulher revive e realiza uma revisão acerca de seu modelo parental e educacional, filtrando aquilo que se identifica e aquilo que não lhe cabe repetir. Além disso, há uma identificação com o bebê, em que as mulheres normalmente criam expectativas, anseios e medos em relação ao seu próprio papel enquanto mãe e características próprias de seu filho.

Com base nos cuidados provenientes do período da maternidade, Barbosa *et al.* (2010), Seron e Milani (2011), Santos e Motta (2014) corroboram que as transformações na personalidade são numerosas a ponto de ressurgir um novo *self*, que aparecerá diante do sentimento de continuidade do ser, justamente no cuidado materno. Isto ocorre novamente devido a identificação, onde um sujeito se esforça para assemelhar-se ao outro, modificando-se e adaptando-se para que seja constituída uma identidade harmônica. A esse processo Zimerman (1999 *apud* SERON; MILANI, 2011) chama de reinvenção de si mesmo.

Além dos motivos mensurados, Langer (1986) considera que a mulher pode desejar um filho para verificar e provar a própria fertilidade. Acrescenta que a mulher pode desejar ter filhos para reviver experiências que obteve com a própria mãe e identifica-se com ela. A mesma autora amplia o desejo da maternidade, relacionando-o com causas mais conscientes, como reviver

a própria infância através do filho e poder proporcionar momentos, experiências, objetos, sentimentos que a ela não foram ofertados pelos pais; rivalizar com outras mulheres; sentimento de insegurança em relação ao marido, desejando ter filhos para retê-lo; e, de modo quicá mais intenso, a necessidade psicobiológica de desenvolver potencialidades ainda veladas. Krynski (1983) corrobora com Barbosa *et al.* (2010), Seron e Milani (2011), Santos e Motta (2014), ao afirmar que além dos fatores destacados, a mulher pode desejar ter filhos para engrandecer a família e/ou em busca de sua perpetuação.

Krynski (1983) confirma que o desejo por ter filhos pode vincular-se à vontade dos pais em buscar sua própria perpetuação. Já em relação à maternidade, Scavone (2001) corrobora que seu desejo pode estar atrelado não somente à reprodução, continuidade da existência, mas também à busca por um sentido maior de sua existência, desejo por reconhecimento e valorização social e por amar crianças. Desse modo, pode-se destacar que o desejo em ter filhos, bem como pela, maternidade possui uma relação intrínseca, pois verifica-se que quando a mulher deseja ter filhos seu desejo não é totalmente satisfeito ao conceber o bebê, mas é durante seu desenvolvimento e relação mãe-filho que esse anseio é sanado (SERON; MILANI, 2011).

Em relação a uma das principais funções maternas, Barbosa *et al.* (2010) e Santos e Motta (2014) ressaltam o conceito de *holding*, utilizado por Winnicott em sua teoria sobre a relação mãe-bebê e simultâneas influências dessa relação no desenvolvimento da criança. O *holding* é a capacidade de a mãe cuidar, proteger e suprir as necessidades básicas do bebê por meio do vínculo estabelecido, sensibilidade e afeto. Isso implica que a mãe mantenha o cuidado e proteção necessários para um melhor desenvolvimento do bebê. Entretanto, o *holding* é uma habilidade não inata às mães, mas sim desenvolvida na relação mãe-bebê.

Nesse sentido, Winnicott (1983) sustenta que a mãe necessita dispor de um ambiente acolhedor e afetuoso para desenvolver o *holding*, onde não somente as necessidades do bebê sejam supridas, como aquelas que lhe são pertinentes. A partir disso, a mãe poderá ter um maior contato e interação com o bebê, o que favorece o *holding*. No entanto, o mesmo autor ressalta que as mães podem enfrentar problemas para desenvolver o *holding* devido a potenciais problemas relacionados à adaptação de um novo membro ou exercer a função materna.

O processo de ser mãe é descrito por Winnicott (2000) como um momento especial e fundamental para a construção do psiquismo. A mãe desloca sua atenção exclusivamente ao bebê, enquanto o social é temporariamente desprezado. Justificam-se tais atos da mãe devido à preocupação materna primária, em que ela se encontra com a sensibilidade aflorada no período final da gestação. Com isso, ao exercer a maternidade, a mãe estará mais propensa a se adequar ao novo membro, às suas necessidades e confiar no meio circundante.

Dessa forma, caberá à mãe descobrir as suas capacidades maternas e reelaborar sua identidade, sendo que é na relação mãe-filho que esse processo irá suceder (LOPES; PROCHNOW; PICCININI, 2010; SERON; MILANI, 2011). A relação mãe-filho, a partir de uma concepção freudiana, é concebida como aquilo que falta na mãe. Essa falta corresponde ao falo, ou seja, ao pênis. Em sua infância, a menina que experimenta a falta real do Complexo de Édipo se depara com a falta de um pênis, invejando os meninos e apresentando sentimentos de repulsa em relação à própria mãe por tê-la concebido como um ser faltante. Concomitante ao ódio pela mãe, há uma libido direcionada ao pai, assim como a inibição neurótica, a masculinização e o desejo de ter filhos deste pai. Assim, Freud concebia a avidez pela gravidez como um sintoma atrelado à falta de um falo (STELLIN *et al.*, 2010; MONTEIRO; MEDEIROS, 2013).

Freud e Lacan concordam que tanto mulheres quanto homens já nascem demarcados por uma falta enquanto sujeitos. Essa falta fará com que sejam introduzidos em uma lógica fálica, tornando-os sujeitos desejan-tes. Freud salienta que essa falta causa efeitos na mulher ao exercer a maternidade, acreditando que esta seja a saída para o Édipo feminino ou uma forma que a mulher encontra para suprir a falta do falo. Assim, Moura (2013, p. 396) escreve que “[...] o menino tem relação com uma representação do falo, o pênis, a mulher tem relação com a produção de um objeto real – a criança”. Isso ocorre devido a castração da menina, que a põe em uma espécie de circuito edípico, destinada a buscar preencher a lacuna que a incumbe.

Visto isso, ter filhos, assim como ser mãe, podem ser compreendidos como a realização de um desejo ainda primitivo e experimentado nos primeiros anos de vida da menina para suprir uma falta. Mais especificamente na fase pré-edipiana, a menina pode ter o desejo de ser mãe pela forte identifi-

cação com a mãe originária. Nesta fase, a menina ilustra seu desejo por meio de brincadeiras com bonecas, fantasiando o papel de mãe. Já ao passar pelo Complexo de Édipo a menina constrói o desejo de ter filhos sob uma visão hostil da mãe que a fez herdar a falta de um falo e um erotismo pelo pai, sendo este o único que poderia suprir sua falta. Percebe-se que há uma diferença clara exposta por Freud no que concerne ao desejo de ser mãe e de ter filhos. Apesar de ambos estarem relacionados à realização de um desejo, exprimem períodos diferentes (MONTEIRO; MEDEIROS, 2013).

A premissa falocêntrica foi amplamente criticada e questionada por diversos autores por suspeitarem que ser mãe não seria a única forma de a mulher sentir-se fálica. Freud concebe esta teoria com a premissa de que uma feminilidade incumbe a estruturação histórica, isto é, toma o desejo de ter filhos, assim como a maternidade, estritamente ligados ao erotismo feminino. No entanto, anos adiante Freud reformulou suas postulações, agora considerando a maternidade e a avidez da mulher em ter filhos também quando determinantes de uma neurose estivessem ausentes, assim como não fosse relevante a inveja pela falta de um pênis. Nessa direção, uma mulher que não possui sintomas de uma neurose poderá desejar ter filhos e exercer a maternidade para estabelecer uma relação objetal com outro sujeito, para ser seu falo. Assim, a ideia anterior da mulher desejar possuir um falo é substituída pela visão de ela ser o próprio falo, sendo a maternidade concebida como uma das potenciais vias que ela encontra para o erotismo e para alcançar o amor objetal (MOURA, 2013; MONTEIRO; MEDEIROS, 2013).

Logo, amplia-se a visão freudiana concebendo agora que a tendência da mulher desejar ter filhos ou exercer a maternidade também possa estar conectada à uma demanda exterior de um homem, por exemplo. Este homem também sente a falta de algo, e possuindo um filho recebe a potencial forma de supri-la. Moura (2013) corrobora por meio de uma visão lacaniana que a figura paterna possui uma função essencial na dinâmica da família. A partir de uma analogia da relação mãe-filho com um crocodilo prestes a abocanhar o filho, Lacan (1986 *apud* MOURA, 2013) acreditava ser necessária a intervenção paterna para impossibilitar a mãe de engolir seu filho, chamando esse processo de Nome-do-Pai.

Percebeu-se por meio da literatura psicanalítica que até a mãe exercer

a maternidade irá deparar-se com dois confrontos que podem modificar e construir o psiquismo, alterando sua personalidade (BARBOSA *et al.*, 2010; MOURA, 2013; SIMAS; SOUZA; SCORSOLINI-COMIN, 2013; SANTOS; MOUTA, 2014; ZANATTA; PEREIRA, 2015). Como visto, antes de conceber o bebê a mãe passa por um processo de regressão em que relembra momentos de sua infância primitiva e que irão influenciar o exercício de sua maternidade. Agora, quando o bebê foi concebido, a mãe precisa confrontar as expectativas e fantasias que foram elaboradas durante a gestação sobre o bebê e passar a interagir e identificar-se com o bebê real (WINNICOTT, 2006; SIMAS; SOUZA; SCORSOLINI-COMIN, 2013).

Considera-se, portanto, que a maternidade não é somente uma função maternal da mulher, mas diz respeito aos recursos psíquicos que a mãe utiliza para que o bebê possa se desenvolver e constituir-se como um sujeito. Além disso, no que concerne à relação mãe-filho foi possível compreender que por um lado há um ser dependente dos cuidados da mãe, ainda sem compreender o mundo circundante, e por outro, há uma mulher incumbida da função de mãe, de criar e sanar as necessidades do filho. A relação é atravessada por regressões da mãe ao seu passado remoto, as suas próprias relações com sua genitora. Por conta disso, diz-se que a relação mãe-filho é sempre única, particular e subjetiva de cada ser que a constitui, assim como a função materna um processo em construção, efeito de uma operação psíquica (SIMAS; SOUZA; SCORSOLINI-COMIN, 2013).

Percebeu-se que os estudos analisados apontam para uma figura masculina paterna, mas não foi acoplada a premissa de que casais *gays* e/ou lésbicas e mulheres solteiras poderiam também ser agraciados com a maternidade. Esta é nossa maior crítica aos artigos analisados, pois ao contemplarem somente casais heterossexuais, estão contribuindo para os processos de exclusão de casais não heterossexuais e de mães solteiras que, por sua vez, possuem direitos legais para também optarem ou não pela maternidade.

No entanto, concordou-se com a premissa de que a mulher possui diversos aspectos e fatores que transpassam a maternidade: desejo de ter filhos e de sentir-se valorizada socialmente, realização pessoal, amar crianças, perpetuar a própria geração, consolidar uma união e/ou vínculo afetivo com um(a) parceiro(a), obter as próprias experiências como mãe, reviver expe-

riências infantis, desenvolver seu potencial psíquico, etc. Visto a partir das perspectivas freudiana e lacaniana, a maternidade seria a completude da mulher diante da percepção ainda remota de uma falta, herdada da mãe. Já Winnicott (2006) complementa que a mulher necessita do *holding* para exercer a maternidade e, paralelamente, reconstruir certos valores e preceitos para constituir um novo psiquismo, acoplando também a identidade de mãe.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante os resultados provindos da busca nas bases de dados foi possível mensurar que há inúmeras pesquisas e publicações que adentram em temáticas relacionadas à maternidade. Os artigos encontrados apontavam para múltiplas causas que podem ser resultantes ou correlatas à avidez da mulher contemporânea em exercer a maternidade. Essas causas podem ser divididas em pessoais/individuais, sociais, familiares e amorosas.

As causas pessoais/individuais demonstram que a mulher pode desejar a maternidade na busca de sentir-se completa, já que em sua infância deparou-se com uma falta: o falo. Assim, o bebê seria a sua redenção. Viria preencher a lacuna que foi herdada da própria mãe. Ainda sobre as causas pessoais/individuais, a mulher pode desejar a maternidade buscando reconhecimento e valorização social, ter afeição intensa por bebês/crianças, por desejar reviver aspectos de sua própria infância e por ter vontade de descobrir uma potencial personalidade oculta e que seria desvelada ao exercer a maternidade.

Além disso, pode-se afirmar que a mulher pode desejar a maternidade devido a necessidade de cuidar de outrem, de se doar para alguém a não ser a si mesma, ter responsabilidade e compartilhar a vida, permanentemente, com alguém que irá amar e amá-la.

As causas sociais envolvem a pressão em ter filhos, assim como de cuidá-los e protegê-los, principalmente após anos de relacionamento com um (a) mesmo(a) parceiro(a). Isso também é visto nas causas familiares, onde a maioria dos indivíduos da família, principalmente os genitores e/ou responsáveis pela criação, influem sobre a mãe para que perpetue e dê continuidade à família.

Já as causas amorosas envolvem o desejo de cuidar de um bebê que se tornou resultado da soma de dois sujeitos em união amorosa, desejo de abster a atenção do(a) parceiro(a) devido ao sentimento de insegurança emergidos na relação e, novamente, desejo de perpetuar a família.

Ao analisar a maternidade e sua evolução sócio-histórica verifica-se que com o surgimento de métodos anticoncepcionais e sua distribuição a preços acessíveis, a mulher passa a ter mais controle sobre o próprio corpo, podendo ou não engravidar. Simultaneamente ao surgimento dessa evolução na medicina, também houve a adaptação gradual das mulheres a esses métodos, diminuindo drasticamente a quantidade de filhos. Atualmente, a mulher que desejar ter filhos e exercer a maternidade poderá ter acompanhamento médico em clínicas especializadas particulares e/ou em unidades públicas de saúde, assim como poderá adotar um bebê por meio de um processo legal.

Como visto, o desejo em ter filhos e de exercer a maternidade estão paralelos, porém não correspondem ao mesmo significado. Ter filhos significa gerar, conceber, procriar. Para ter filhos a mulher poderá engravidar ou adotar. Já a maternidade envolve o exercer, o papel de mãe, o cuidar, proteger e providenciar as necessidades básicas para que o bebê se constitua enquanto sujeito na sociedade. Assim como ter filhos, a mulher que deseja exercer a maternidade também poderá ter um bebê por meio da gravidez ou adoção. Entretanto, a diferença básica entre o primeiro e o segundo poderia ser elencada como o desejo de dar a vida e o desejo em desenvolver a vida, respectivamente.

Discutidos à luz da literatura, os artigos permitem refletir que o processo de se tornar mãe pode ser compreendido como uma reconstituição psíquica pela atualização e reedição da própria constituição infantil. Além disso, a partir da análise acredita-se que os conceitos de narcisismo, identificação e Complexo de Édipo, quando articulados, conseguem suprir os processos constitutivos que irão possibilitar ou não a escolha pela maternidade. Contudo, acrescenta-se que a mulher, ao optar ou não pela maternidade, não somente será influenciada pela própria infância, mas também pelas experiências que obteve ao longo de sua vida. Assim, ao reeditar vivências narcísicas e edípicas e ao reviver sua constituição subjetiva, a mulher possui a oportunidade de mudar de posicionamento de filha para acionar o processo de constituir-se como mãe.

De modo geral, os resultados sugerem que a maternidade pode ser vista como uma possibilidade de reconstituição psíquica uma vez que a mãe, ao conceber o bebê, reelabora e reedita suas próprias vivências e memórias infantis acerca da própria criação. Assim, emerge a constituição de um novo sujeito: a mulher somente filha passa a ser mãe. Paralelo à regressão infantil surgem conflitos aparentemente resolvidos que podem modificar a personalidade da mãe. Apesar de ser visto como um processo potencialmente doloroso e complexo a mãe necessita vivenciar o ressurgimento do período constitutivo para tornar-se mãe e iniciar uma relação com seu bebê.

Ressalta-se que a complexidade envolta do processo de tornar-se mãe aguça os sentidos e sentimentos da mulher, tornando-a suscetível a emoções intensas. Tendo isso em vista, sugere-se futuras pesquisas que busquem avaliar a personalidade da mulher antes e após exercer a maternidade, buscando elucidar as mudanças e sentimentos que permeiam o tornar-se mãe. Sugere-se também que investigar a percepção das mães em relação ao tratamento médico à elas efetuado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, F. A. et al. Significados do cuidado materno em mães de crianças pequenas. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 33, p. 28-49, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO104-65782010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Jan. 2018.

BRAZELTON, T.; CRAMER, B. **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARIAS, C. N. de F.; LIMA, G. G. de. A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. **Estilos da Clínica**, Brasil, v. 9, n. 16, p. 12-27, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/45967>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

GIANLUPI, A. G. F. **Tornar-se mãe: a maternidade da gestação ao primeiro ano de vida do bebê**. 294 p. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Porto Alegre, 2003.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran; CASTRO, E. H. B. de; PONTES, Karine Diniz da Silva. Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise

e da transmissão psíquica entre gerações. **Revista do NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 3-24, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Jan. 2018.

KRYNSKI, S. **Novos rumos da deficiência mental**. São Paulo: Sarvier, 1983.

LANGER, M. **Maternidade e sexo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LOPES, R. de C. S.; PROCHNOW, L. P.; PICCININI, C. A. A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 295-304, Jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Jan. 2018.

MALDONADO, M. T. Psicossomática e obstetrícia. In: MELLO FILHO, J. (Orgs.). **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 208-214.

_____. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Maternidade e paternidade**. Petrópolis: Vozes, 1989.

MONTEIRO, C. M. V. R.; MEDEIROS, M. P. O desejo de ter filhos na mulher contemporânea. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 14, m. 1, p. 65-69, Jan. 2013. Disponível em <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/ensino/article/view/670>>. Acesso em 11 Jan. 2018.

MOURA, D. F. G. Maternidade e poder. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 13, n. 1-2, p. 387-404, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 jan. 2018.

PICCININI, C. A; et al. Gestação e a constituição da maternidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 63-72, Mar. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Jan. 2018.

SANTOS, K. D.; MOTTA, I. F. da. O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. **Estudos de Psicologia** (PUCCAMP. Impresso), v. 31, p. 517-525, 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v31n4/a06v31n4.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

SCAVONE, L. Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, n. 8, p. 47-60, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/04.pdf>>. Acesso em: 11 Jan. 2018.

SERON, C.; MILANI, R. G. A construção da identidade feminina na adolescência:

um enfoque na relação mãe e filha. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 154-164, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jan. 2018.

SIMAS, F. B.; SOUZA, L. V.; SCORSOLINI-COMIN, F. Significados da gravidez e da maternidade: discursos de primíparas e múltiparas. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 19-34, abr. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jan. 2018.

STELLIN, R. M. R.; et al. Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 170-185, jun. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jan. 2018.

SZEJER, M.; STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. A preocupação materna primária. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. A mãe dedicada comum. In: WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZANATTA, E.; PEREIRA, C. R. R. Ela enxerga em ti o mundo: a experiência da maternidade pela primeira vez. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 959-972, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jan. 2018.